

# Diálogos

ISSN 2177-2940



## O Paraguai como arma eleitoral: representações e identidade nacional nos jornais de Buenos Aires durante a campanha presidencial argentina de 1873-1874

[doi.org/10.4025/dialogos.v24i3.56661](https://doi.org/10.4025/dialogos.v24i3.56661)

Bruno Felix Segatto

<https://orcid.org/0000-0002-1627-5223>

Rede Nandê; Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: bf.segatto@gmail.com

### O Paraguai como arma eleitoral: representações e identidade nacional nos jornais de Buenos Aires durante a campanha presidencial argentina de 1873-1874

**Resumo:** Este artigo visa analisar de que modo as questões pertinentes à situação do Paraguai do Pós-Guerra da Tríplice Aliança (1870-1876) serviram de instrumento de luta político-partidária entre nacionalistas e autonomistas durante a campanha presidencial argentina de 1873 e 1874. Para isso, foram consultados alguns jornais de Buenos Aires, uma vez que eram os principais canalizadores dos debates públicos e difusores de representações. Da análise das fontes pode-se apontar que a facção autonomista fez daquele conflito, da ocupação do Paraguai e das questões pendentes daquele evento uma das suas principais armas de combate em sua luta eleitoral contra o nacionalismo.

**Palavras-chave:** Imprensa. Pós-Guerra da Tríplice Aliança. Representações. Nacionalismo. Autonomismo.

### Paraguay as an electoral weapon: representations and national identity at Buenos Aires' newspapers during the presidential campaign of 1873-1874

**Abstract:** This article analyzes how relevant issues regarding Paraguay's condition after the Triple Alliance War (1870–1876) were used as a tool in political fight between nationalists and autonomists during Argentinean presidential campaign of 1873 and 1874. Thus, some newspapers from Buenos Aires have been consulted, once they were the main channel of political debates and promoters of representations. Based on this analysis, we point that the conflict, Paraguay's occupation and remained issues from that incident were used by autonomist faction as a strategy in the electoral local fight against nationalism.

**Key words:** Press. Post Triple Alliance War. Representations. Nationalism. Autonomism.

### El Paraguay como arma electoral: representaciones e identidad nacional en periódicos de Buenos Aires durante la campaña presidencial argentina de 1873-1874

**Resumen:** Ese artículo busca analizar como las cuestiones referentes a la situación del Paraguay de la post-Guerra de la Triple Alianza (1870-1876) se han convertido en instrumentos de lucha político-partidária entre nacionalistas y autonomistas durante la campaña presidencial argentina de 1873 e 1874. Para ello, fueron consultados periódicos de Buenos Aires, pues eran los principales canalizadores de los debates públicos y difusores de representaciones. Del análisis de las fuentes se puede señalar que la facción autonomista hizo del conflicto, de la ocupación del Paraguay y de las cuestiones pendientes de aquel evento una de sus principales armas de combate en su lucha electoral en contra del Nacionalismo.

**Palabras clave:** Prensa. Pos-Guerra de la Triple Alianza. Representaciones. Nacionalismo. Autonomismo.

Recebido em: 15/11/2020

Aprovado em: 13/12/2020

## Disputas políticas, faccionalismo e guerra: a Argentina entre 1852 e 1872

A derrota de Juan Manuel de Rosas na batalha de Caseros de 1852 iniciou um período de quase trinta anos de disputas entre os dois principais projetos de organização de uma república na região. Justo Jose de Urquiza, líder do exército vencedor em Caseros, encabeçou um processo de formação de um estado de caráter federal, em que as províncias teriam maior autonomia e maior participação na distribuição de recursos. Porém, o projeto federal não contava com o apoio de boa parte da elite de Buenos Aires, a qual se beneficiava das rendas da aduana do único porto marítimo da região.

O conflito de interesses levou à ruptura. Em 1853, foi jurada a Constituição da Confederação Argentina e, no ano seguinte, fora a vez do Estado de Buenos Aires jurar a sua Carta Magna. Surgiam, assim, dois estados independentes: a Confederação Argentina, com capital em Paraná, e o Estado de Buenos Aires, com capital na cidade de mesmo nome. Este último estado teve melhores condições para criar as suas instituições, uma vez que contava com os recursos da sua aduana. Graças a esta condição, a cidade vivenciou anos de considerável crescimento econômico e demográfico. Por outro lado, a Confederação Argentina, que reunia as províncias do interior, teve inúmeras dificuldades em constituir a sua ordem institucional. O principal obstáculo era de ordem econômica, uma vez que a Confederação não contava com os mesmos ingressos que Buenos Aires (OSZLAK, 2012, p. 62).

A relação entre os governos de Buenos Aires e Paraná era instável. Embora ambos os governos ensaiassem diversos mecanismos de pressão, negociação e influência, o enfrentamento armado sempre esteve no horizonte das relações entre os dois (SABATO, 2012). Ao longo da década de 1850, esta questão da relação com a Confederação Argentina gerou uma cisão na elite liberal de Buenos Aires. Por um lado, surgiu uma facção denominada Autonomista, que argumentava ser a ocasião de as autoridades portenhas se concentrarem na consolidação institucional e no crescimento econômico do Estado de Buenos Aires. Os autonomistas, dentre eles Valentin Alsina e os irmãos Victor e Mariano Varela, criticavam o governador bonaerense por sua política pouco incisiva frente à Confederação (WASSERMAN, 2013, p. 172). Por outro lado, delineou-se a facção Nacionalista, liderada por Bartolomé Mitre, a qual buscava a consolidação de uma República que abrangesse todas as demais províncias, embora sob égide das elites do Liberalismo de Buenos Aires.

Em 1860, Bartolomé Mitre conseguiu ascender ao cargo de Governador de Buenos Aires e, a partir dele, buscou implementar o seu projeto de país. Tratativas cordiais de aproximação foram feitas entre Mitre, Urquiza e Santiago Derqui (novo presidente da Confederação eleito em 1860),

mas não houve acordo e, ainda em 1860, as relações entre os dois estados se deterioraram. O enfrentamento ocorreu em setembro de 1861, na batalha de Pavón. Nesta batalha, enquanto o resultado ainda era incerto, Urquiza retirou parte das suas tropas e empreendeu retirada rumo a Entre Ríos, dando vitória a Bartolomé Mitre (WASSERMAN, 2013, p. 174).

A vitória de Mitre em Pavón o consolidou como a liderança máxima da facção Nacionalista. Com a retirada de Urquiza e a derrocada da Confederação diante de Buenos Aires, as províncias do interior ficaram vulneráveis diante do avanço do Liberalismo mitrista. Mitre fez uso do Exército para impor pela força uma nova ordem nacional que fosse respeitada nas províncias, embora Beatriz Bragoni e Eduardo Míguez argumentem que o processo de unificação política não pode ser visto somente como produto da coação e de cooptação do poder central sobre os poderes locais, mas em relação com dinâmicas e processos de negociação e conflito entre centro e periferia (BRAGONI, MÍGUEZ, 2010, p. 9).

Mitre implementou um plano que compreendia o fortalecimento dos partidos liberais do interior e a pacificação do Litoral por meio de um acordo com Urquiza. Apesar da oposição dos setores mais intransigentes do Liberalismo de Buenos Aires, propensos a estender uma guerra a todo o território argentino, Mitre implementou o seu projeto de país com a conivência do líder entrerriano, cuja província permaneceu intacta, embora persistissem na região litorânea lideranças federais resistentes à hegemonia liberal de Buenos Aires (LETTIERI, 2008, p. 33).

Em abril de 1862, Mitre foi autorizado pela Legislatura de Buenos Aires a exercer, em concomitante, os cargos de Governador da Província e chefe do Poder Executivo Nacional. A partir deste cargo, em 1862, Mitre propôs ao Congresso Nacional que se ocupasse da questão da capital da República. Após árduos debates na Câmara dos Deputados e no Senado, repercutidos de forma intensa na imprensa, foi aprovada uma lei que federalizaria todo o território da província de Buenos Aires em três anos. No entanto, caberia à Legislatura de Buenos Aires expressar-se sobre o tema e esta rechaçou a disposição. Os membros do Legislativo de Buenos Aires propuseram declarar a cidade como residência temporária das autoridades nacionais até que o Congresso ditasse uma lei de capital permanente. Desta forma, a capital argentina ficava na condição de “hóspede” de Buenos Aires (SABATO, 2012; LETTIERI, 2008).

Embora o Liberalismo de Buenos Aires viesse demonstrando fissuras desde os anos 1850, foi a Questão Capital que consolidou aquela divisão entre as duas facções: o Nacionalismo e o Autonomismo. O Nacionalismo, cuja principal liderança era Bartolomé Mitre, propunha que a cidade de Buenos Aires se tornasse a capital e que a província de mesmo nome ficasse sob jurisdição nacional. Por sua vez, o Autonomismo, capitaneado por Valentin e Adolfo Alsina,

defendia que a capital da República fosse estabelecida em outra localidade que não a cidade portenha (ROCK, 2006, p. 48).

Enquanto os autonomistas buscavam empregar os recursos da província para desenvolver projetos locais, como o fomento de assentamentos rurais, a conquista de territórios indígenas e a fortificação dos territórios que faziam fronteira com as parciais indígenas, os nacionalistas, por sua vez, associavam o desenvolvimento de Buenos Aires ao crescimento da cidade como provedora de mercadorias ao país como um todo (ROCK, 2006, p. 35).

Apesar destas divergências, Hilda Sabato pondera que havia um relativo consenso entre a elite política argentina quanto ao imperativo do progresso econômico nacional sob bases liberais. A necessidade de uma incorporação mais dinâmica da Argentina em um mundo regido pelas potências europeias não esteve em discussão, mas, sim, as formas em que o Estado argentino haveria de incidir no desenvolvimento dos mercados para favorecer a sua articulação nacional (SABATO, 2012, p. 109). Dario Roldán (2010, p. 279) assevera que o Liberalismo<sup>1</sup> na Argentina do século XIX se tornou uma doutrina hegemônica em função da ausência de grupos tradicionais e católicos de peso, como ocorreu em outros países como o México.

Se não eram aspectos de ordem política, econômica ou ideológica (representatividade do sistema político vigente, liberalismo econômico, incentivo à imigração, combate à “barbárie” indígena, inserção da Argentina na economia mundial etc.) que separavam autonomistas e nacionalistas, eram aspectos de ordem mais local e pessoal que afastavam estes grupos políticos, o que permite caracterizar esta política como faccionalista.

A respeito do faccionalismo que caracteriza a política argentina no período em tela, Marta Bonaudo (2007, p. 17) considera que as facções políticas nucleavam grupos e pessoas reunidas por laços em torno a figuras fortes. Bonaudo e Élide Sonzogni pontuam que a facção política apareceu como um órgão de mediação no qual

se sintetizaban formas de hacer política que asumían los actores sociales antiguos, sin recurrir a propuestas programáticas reveladoras de intereses antagónicos. En realidad, lo que se estaba reflejando era que cada facción representaba a un grupo que disputaba con otro u otros, el poder. Su identidad giraba en torno a una personalidad fuerte de la red y tenía realineamientos diferenciales – nunca permanentes – en un mapa político que comenzaba a adquirir dimensiones nacionales. En consecuencia, las redes parentales, los vínculos personales y una estructura clientelar jerárquicamente organizada constituyeron las bases a partir de las cuales estos actores colectivos controlaban el espacio del club o partido y competían por el dominio del público. (BONAUDO, SONZOGNI, 2007, p. 58).

<sup>1</sup> Fabio Wasserman considera que foi a meados do século XIX quando o liberalismo começou a considerar-se como uma corrente ou um movimento que se distingue por reivindicar ideias, valores, princípios, instituições, práticas e tradições próprias e, portanto, passível de ser oposto a outras de raízes socialistas, conservadoras ou católicas (2008, p. 68).

Hilda Sabato (2004, p. 49), por sua vez, classifica estas agrupações como “facciosas” e “personalistas”, embora elas tenham sido elementos de aglutinação de interesses políticos, centros de atuação de quem ambicionava ascender ao poder e espaços de constituição de redes materiais e tramas simbólicas que contribuíram a definir tradições políticas. Este faccionalismo não deixou de estar presente em um momento difícil para o país: a guerra contra o Paraguai.

O ano de 1862 foi crucial para o desencadeamento do conflito. Mitre ascendeu ao poder na Argentina e buscou aniquilar as resistências federais do interior. No Brasil, chegou ao poder um Gabinete Liberal, que passou a ver no governo argentino um possível aliado para alcançar alguns objetivos em comum na Bacia do Rio da Prata, tais como a livre navegação dos rios da região. Por fim, no Paraguai, alçou ao poder o Mariscal Francisco Solano Lopez, filho do ex-Presidente Carlos Antonio Lopez (DORATIOTO, 2002).

Solano Lopez intensificou um processo de abertura do Paraguai e de modernização de sua infraestrutura logística e militar, iniciado por seu pai. Este processo de modernização dependia de uma maior projeção externa do país, ou seja, o governo paraguaio, que anteriormente se manteve isolado das disputas que ocorriam na da Bacia do Rio da Prata, passaria a se interessar pelos eventos que ocorriam nos demais países da região. O governo de Assunção tinha uma relação histórica de desconfiança em relação ao de Buenos Aires: desde a sua independência, o Paraguai via a sua soberania ameaçada por alguns discursos que defendiam a reconstituição do Vice-Reinado do Rio da Prata. Logo, o governo de Assunção tendia a se aproximar das lideranças federais do interior. No outro lado do rio Uruguai, as autoridades de Assunção viam nos integrantes do partido blanco os seus aliados em potencial, uma vez que o partido colorado possuía vínculos com os liberais de Buenos Aires e do Brasil (DORATIOTO, 2002).

A situação do Paraguai era delicada. País mediterrâneo sem porto marítimo, dependia de um governo uruguaio aliado, ou seja, um governo blanco. Sua única via de acesso ao mar era o rio Paraná, que passava por território argentino. Complicava a sua situação o fato de ter questões de fronteira pendentes com os seus dois maiores vizinhos: Brasil e Argentina. Estas questões pendentes remontam à formação dos Estados nacionais na região da Bacia do Rio da Prata e tornaram as relações tensas entre os países. Brasil e Paraguai disputavam territórios localizados no Sul do atual Mato Grosso do Sul (na época Mato Grosso), enquanto Argentina e Paraguai disputavam os territórios de Missões e o Chaco.

O conflito foi desencadeado a partir de uma guerra civil no Uruguai, entre colorados e blancos, estando estes no governo do país. A contenda afetou os interesses de estancieiros sul-riograndenses, que possuíam terras no Uruguai e pressionaram o governo brasileiro por uma

intervenção militar. Ainda que tenha recebido um *ultimatum* do governo paraguaio, que alegava zelar pela independência uruguaia, o governo imperial interviu na guerra civil em favor do partido colorado em sua guerra contra o governo blanco. Alegando que o suposto equilíbrio de poder na região estaria sendo quebrado com aquela intervenção, Solano Lopez ordenou a invasão do Mato Grosso e o aprisionamento de uma embarcação que passava por Assunção.

Outra coluna de soldados foi enviada ao Sul, em direção ao Rio Grande do Sul. No entanto, as tropas paraguaias precisavam cruzar a província argentina de Corrientes e, ao ter este pedido negado, Lopez ordenou a sua invasão. Assim, a Argentina uniu-se ao Brasil em uma guerra contra o Paraguai. Por fim, no Uruguai a intervenção brasileira conseguiu derrubar o governo blanco e alçou ao poder um novo governo colorado aliado. A intervenção militar brasileira no Uruguai gerou forte impacto nas províncias do Litoral argentino, uma vez que as tropas brasileiras realizaram um forte bombardeio à cidade oriental de Paysandu.

Em maio de 1865, os governos do Império do Brasil, da República Argentina e da República Oriental do Uruguai assinaram o Tratado da Tríplice Aliança. Seu conteúdo, que era secreto, estipulava que: os aliados não assinariam a paz em separado com o Paraguai, após o conflito a livre navegação dos rios seria assegurada, que o General Bartolomé Mitre seria o Comandante das tropas aliadas em terra e que os aliados se comprometiam a exigir do Paraguai a assinatura de tratados de limites em que o Brasil ficaria com as terras reclamadas e a Argentina ficaria com Missões e todo o território do Chaco.

Inicialmente, o conflito foi recebido com júbilo pela população de Buenos Aires. María Victoria Baratta pontua que Mitre se dedicou a construir um consenso sobre a guerra com discursos públicos emotivos, pressões sobre o Congresso, promessas e ameaças às lideranças provinciais encarregadas de realizar os recrutamentos (BARATTA, 2015). Porém, com o passar do tempo, a euforia deu lugar a questionamentos. A resistência ao recrutamento aumentou à medida que a guerra se tornava longa, desgastante e sangrenta. A antipatia em relação ao Império do Brasil, o antiportenhismo e uma maior proximidade cultural com o Paraguai contribuíram para aumentar a resistência ao conflito nas províncias do Litoral. O bombardeio brasileiro à Paysandu, próxima às províncias de Corrientes e Entre Ríos, contribuiu para gerar mais aversão ao Império brasileiro naquela região.

O líder entrerriano, Justo José de Urquiza, frustrou outras lideranças do Federalismo ao se colocar ao lado de Mitre no esforço de guerra e realizou “jugosos negocios como abastecedor de las tropas” (LETTIERI, 2008, p. 37). Urquiza acabou por pagar um elevado preço por suas ações, tais como a retirada em Pavón e o auxílio a Mitre no esforço de guerra contra o Paraguai. O líder federal foi assassinado em 1870, pouco tempo após o término do conflito. No entanto, não foi somente

SEGATTO, Bruno Felix. O Paraguai como arma eleitoral: representações e identidade nacional nos jornais de Buenos Aires durante a campanha presidencial argentina de 1873-1874

Urquiza que se beneficiou com os contratos de abastecimento para as tropas. Famílias próximas a Mitre foram encarregadas de fornecer mantimentos para os soldados reunidos nos acampamentos de guerra, algo que será lembrado pelos jornais autonomistas durante a campanha eleitoral de 1873-1874.

A guerra se tornou ainda mais impopular quando o conteúdo secreto do Tratado da Tríplice Aliança foi divulgado na Inglaterra. Em Buenos Aires, o periódico *La América*, crítico à guerra, foi o responsável pela divulgação de seu teor em 1866 (BARATTA, 2012). Com a revelação do Tratado, principalmente do artigo referente às questões territoriais, parte da opinião pública local passou a criticar a morosidade e as perdas materiais e humanas advindas da contenda.

Apesar das críticas e das oposições ao conflito, ele continuou até 1870, quando Solano Lopez foi morto por soldados brasileiros em Cerro Corá. A guerra custou muito em vidas humanas e recursos materiais e solapou o capital político que Mitre e Urquiza haviam acumulado nos anos anteriores. As eleições presidenciais de 1868, ocorridas durante o confronto, evidenciaram esta perda de prestígio de ambos: a fórmula Domingo Sarmiento – Adolfo Alsina derrotou o candidato de Mitre, Rufino de Elizalde, e o próprio Urquiza. A respeito do êxito da chapa Sarmiento-Alsina, Andrés Cisneros e Carlos Escudé atestam

Alejado de las luchas políticas y sin partido propio, Sarmiento aparecia como un candidato liberal, que a diferencia de mitristas y autonomistas, estaba limpio de “máculas” que había generado la desastrosa guerra contra Lopez. Mitre y Urquiza eran, debido a sus respectivas actitudes en Pavon y la Guerra del Paraguay, dos cadáveres políticos, denostados por sus respectivos partidos liberal y federal. (CISNEROS, ESCUDÉ, 1998, p. 132).

Assim como na Argentina, em 1868, houve uma alternância de poder no Brasil: o Gabinete Liberal fora substituído por um Conservador. Estes novos governos eram críticos à determinados aspectos da guerra ou ao Tratado de Aliança, mas não retiraram as suas tropas do conflito. As desavenças começariam a surgir a partir do momento em que o inimigo em comum, Solano Lopez, desaparecera do cenário.

Entre 1870 e 1876, o Paraguai esteve ocupado por tropas aliadas, sobretudo brasileiras. As autoridades brasileiras em Assunção exerciam considerável influência sobre as lideranças paraguaias encarregadas da reorganização do país. Durante estes anos de ocupação, os governos brasileiro e argentino entraram em desacordo a respeito de como lidar com o país derrotado e como encaminhar as questões referentes aos tratados de paz e limites. Brasileiros e argentinos nutriam desconfianças um em relação ao outro a respeito de suas intenções para com o Paraguai.

Autoridades brasileiras em Assunção conseguiram estabelecer um Governo Provisório, mas as autoridades argentinas afirmavam que aquele governo não tinha legitimidade para assinar

tratados de paz definitivos. Interessado em colher os frutos da sua política, Mitre concordava com o governo brasileiro e, assim, entrou em rota de colisão com as diretrizes do novo governo argentino. Este passou a sustentar que a vitória não dava direitos aos aliados de considerar como seus os limites estabelecidos no Tratado de Aliança de 1865, mas que estes limites deveriam ser discutidos com um futuro governo constitucional paraguaio.

Com a aceitação desta tese do Chanceler argentino Mariano Varela pelos representantes de Brasil e Uruguai, foram assinados Protocolos que asseguravam que o futuro governo constitucional do Paraguai teria o direito de propor alterações nos termos do Tratado de Aliança de 1865. Desta forma, a Argentina perdia a oportunidade de assegurar como seus, pelo direito da vitória, os territórios que o tratado lhe conferia. E o Brasil, por sua vez, se aproveitaria disso para apoiar o novo governo paraguaio a resistir às pretensões argentinas a todo o território do Chaco (DORATIOTO, 2004).

Iniciavam, assim, as disputas em torno dos tratados de paz e limites do pós-guerra. No caso argentino, estas negociações foram dificultadas pelas disputas políticas internas entre as facções nacionalista e autonomista. Interessava ao novo governo argentino romper com a política adotada pelo mitrismo de aproximação e aliança com o Império do Brasil. Boris Fausto e Fernando Devoto pontuam que a tese de que “a vitória não dá direitos” era menos um gesto de altruísmo que um modo de atacar o ex-presidente Mitre (DEVOTO, FAUSTO, 2004, p. 122).

Em 1871, os representantes aliados iniciaram negociações em Assunção, mas não houve acordo: o Brasil se recusou a aceitar a demanda argentina por todo o território do Chaco, incluindo a Villa Occidental. O representante argentino, então, retornou para Buenos Aires. O brasileiro, por sua vez, ficou em Assunção e assinou um tratado de paz em separado com o Paraguai em 1872. Aquele acordo foi visto como uma traição na Argentina e gerou um clima de apreensão nas relações entre os governos de Buenos Aires e Rio de Janeiro. Ainda no mesmo ano, o governo argentino enviou Bartolomé Mitre em missão diplomática à capital brasileira.

O enviado retornou com o compromisso brasileiro em respaldar as demandas territoriais da Argentina nas futuras negociações a serem realizadas em Assunção, no ano seguinte. Porém, o ano de 1873 marcou o início da corrida para as eleições presidenciais de 1874 e, novamente, as disputas políticas internas afetariam o seu desempenho na resolução das questões ainda pendentes da guerra terminada em 1870.

### **Imprensa, debates públicos e circuitos de comunicação**

Tanto a Constituição Argentina de 1853 quanto a de Buenos Aires de 1854 estabeleceram a liberdade de imprensa. No entanto, inúmeros foram os casos de perseguição a jornais realizados pelos governos de turno ao longo da década de 1850. Apesar de restrições, a relativa liberdade de expressão e de atuação dos jornais possibilitaram uma considerável proliferação de periódicos, espaços de sociabilidade e de associações, sobretudo na capital Buenos Aires (WASSERMAN, 2009).

De acordo com Hilda Sabato, na segunda metade do século XIX, a capital argentina foi palco da formação de uma esfera pública, que se constituiu em instância de mediação entre sociedade civil e estado, bem como de participação política para amplos setores da população local (SABATO, 2004, p. 13). Embora os índices apontem para uma baixa participação da população nos escrutínios eleitorais, os períodos de eleição eram de intensa mobilização por parte da população da capital: atos em praças, reuniões em teatros e marchas que percorriam as ruas da cidade eram frequentes nestes momentos. Estas formas de reunião de pessoas, de celebração e de reivindicação de demandas tornavam intensa a vida pública portenha, principalmente durante os períodos eleitorais, tal como destaca Angel Miguel de Marco:

La política estaba en las calles, en los cafés, en las pulperías de los subúrbios, pero también imperaba puertas adentro de las casas, donde reinaban las mujeres, matronas y señoritas. En voz baja o con apasionamiento, defendían y a veces disientían con las opiniones de maridos, novios e hijos (DE MARCO, 2006, p. 257).

O termo “opinião pública” implica a existência de um público receptor de ideias, ou seja, de um público leitor que nem sempre é facilmente dimensionado. Segundo Hilda Sabato, em 1869, 50% dos homens e 43% das mulheres de Buenos Aires sabiam ler e escrever, o que configurava um total de 63% da população adulta da cidade (SABATO, 2007 p. 186). William Acre, por sua vez, destaca que havia uma cultura impressa rio-platense e um considerável público consumidor de literatura popular pelo menos desde as guerras de independência, no início do século XIX (2013, p. 53).

Cabe salientar, porém, que o consumo de periódicos não ocorria somente pela leitura individual ou pela elite letrada. Até mesmo os não-alfabetizados podiam ter conhecimento do que os jornais argentinos traziam em suas colunas por meio das leituras públicas, por exemplo. Rumores, informações ouvidas na rua e debates ocorridos em cafeterias durante uma leitura pública podiam ir parar nas colunas de um periódico. Aliás, a oralidade é uma das principais características do modo de funcionamento da imprensa oitocentista nos países da região.

Segundo Marialva Barbosa, o mundo oral está inscrito na maioria das informações impressas no século XIX, uma vez que um novo modo de comunicação não significa a extinção de um mais antigo (2010, p. 75). “Corre la voz”, “se dice por la ciudad”, “Hay rumores de que” são termos presentes nos textos dos jornais que indicam esta contaminação do escrito pelo oral, o que corrobora com a ideia de Eric Havelock (1995), de que oralidade e escrita não são excludentes, mas, sim, mutuamente influentes. Os próprios redatores dos jornais faziam questão de assinalar quando as informações lhes chegavam por meio de relatos orais, como o fez o redator de *La Tribuna* ao noticiar eventos ocorridos em Assunção, em outubro de 1871:

El mismo día en que el *Venecia* salió de la Asunción, el Gobierno, por medio de un acto violento, prendió veintinueve Diputados y Senadores y requirió del capitán del *Venecia* que se demorara cuatro horas para embarcar los presos y remitirlos aquí. El vapor no demoró; y solo condujo la noticia verbal del hecho, siendo su mismo Capitán el que ha dado los informes. (*La Tribuna*, Buenos Aires, 20.10.1871).

Além da presença da oralidade, este texto mostra a existência de um circuito de comunicação no qual os jornais de Buenos Aires estavam inseridos. Portos, embarcações, ruas, *oficinas* tipográficas, livrarias, cafeterias, espaços de sociabilidade em geral, constituíam um amplo circuito de circulação, que colocava os *publicistas* portenhos em contato com os de outras localidades da Bacia do Rio da Prata. Desta forma, uma informação falada, um boato, uma polêmica, uma carta ou um periódico circulava pela região através das embarcações a vapor, ganhava as ruas, chegava aos ouvidos e mãos de inúmeras pessoas e às sedes dos jornais e, no dia seguinte, ganhava as ruas pelas colunas de um periódico. Em 3 de abril de 1873, *El Nacional* iniciava a sua seção “Exterior: Paraguay” com o seguinte parágrafo: “Las noticias recibidas por el “Venecia” de esta república vecina son de mayor gravedad”. Antes de informar aos seus leitores a respeito de eventos ocorridos no Paraguai, o periódico *La Nación* esclareceu de onde vinham aquelas informações: “El vapor “Goya” llegado ayer del Paraguay, nos trae periódicos de la Asuncion, que vienen a hacernos conocer la situación alarmante de aquella República.” (*La Nación*, Buenos Aires, 26.04.1874).

Uma vez que havia um circuito fluvial que conectava as cidades da região, era prática comum a permuta de periódicos entre as oficinas tipográficas, pelo menos é isso o que se pode identificar pela resposta do jornal assuncenho *La Regeneración* ao portenho *La Tribuna*:

Este cólega se queja de no recibir nuestros números, y en verdad que tiene razon, pues hace dos meses ya que no le remitimos “La Regeneración”, por que él no ha aparecido una sola vez por esta imprenta. Esperamos, pues, que “La Tribuna” de hoy en adelante sabrá retribuir nuestros números como lo hacen los demas periódicos. (*La Regeneración*, Assunção, 4.02.1870)

O “alerta” dado pelo jornal assuncenho ao portenho parece ter surtido efeito, posto que algumas semanas depois, no número do dia 25 de fevereiro, *La Regeneración* informava a seus leitores, através do aviso “Retribuciones”, “los periódicos que recibimos en esta imprenta en cambio de *La Regeneración*”. Dentre os vários jornais<sup>2</sup> que se encontravam na sede do periódico estavam os portenhos *La República*, *La Nación*, *El Nacional*, *La Prensa*, *La Verdad*, *La Discusión*, *El Río de la Plata*, *Intereses Argentinos*, *The Standard* e, finalmente, *La Tribuna*.

Este circuito de informação que conectava as cidades da região tornava uma questão nacional em assunto nas demais repúblicas vizinhas. Com frequência, jornais de Assunção, de Montevideu ou do Rio de Janeiro respondiam a textos publicados por periódicos de Buenos Aires. Durante o período eleitoral em tela, os periódicos consultados reproduziam textos de apoio aos respectivos candidatos publicados naquelas localidades como forma de mostrar que a sua campanha de ganhara respaldo inclusive no exterior. *El Nacional*, por exemplo, reproduziu um trecho do jornal assuncenho *La Nación Paraguaya* em que aquele defendia a candidatura de Adolfo Alsina para a Presidência da Argentina (*El Nacional*, Buenos Aires, 29.07.1873).

Além de estar permeada pela oralidade e integrada a um circuito de comunicação que conectava as cidades da região, a imprensa portenha no período possuía outras características em comum com os jornais de outras localidades. Salvo alguns poucos duradouros, a maioria teve vida efêmera e possuía um vínculo político-partidário. *La Tribuna*, por exemplo, era o órgão vinculado ao Autonomismo portenho, enquanto *La Nación* pertencia a Bartolomé Mitre, principal liderança do Nacionalismo. Embora possuísse uma postura mais independente, *El Nacional* também estava vinculado ao Autonomismo (DONGHI, 1992, p. 99). De acordo com Hilda Sabato, o tom destes jornais era de um liberalismo indiscutido, ainda que apresentassem variantes mais ou menos republicanas e anticlericais: cada um cultivava “un estilo diferente, que iba desde el más formal y engolado de *La Nación* hasta el coloquial de *La Tribuna* y el militante de *El Nacional* de los años 1870” (SABATO, 2004, p. 72).

Esta imprensa, com as características anteriormente descritas, foi o principal instrumento de disputa política na segunda metade do século XIX. Ela era não apenas uma catalizadora dos debates

<sup>2</sup> De Montevideo haviam chegado os jornais *La Paz*, *El Telégrafo Mercantil*, *El Ferro-Carril* e *El Nacional*. De Corrientes: *La Voz de la Patria* e *La Esperanza*. De Rosario: *La Capital*, *La Reforma* e *La Patria*. De Paraná: *El Paraná*, *El Comercio* e *El Obrero Nacional*. De Córdoba: *El Eco de Córdoba* e *El Progreso*. De Santa Fe somente *El Pueblo*. De Gualeguaychú somente *La Regeneración*. De Gualeguay somente *El Gualeguay*. De Concepción del Uruguay somente *El Uruguay*. De Salto Oriental somente *Las Noticias*. De Tucuman somente *La Juventud*. De San Juan somente *La Voz de Cuyo*. A presença de jornais oriundos de províncias longínquas como Tucuman e San Juan evidencia a abrangência desse circuito da informação que interligava as *oficinas* de jornais argentinos, uruguaios e paraguaios.

públicos do momento, mas também servia como instrumento de mobilização das facções à qual cada periódico estava vinculado. Nesse sentido, as representações dos países vizinhos e da própria identidade nacional argentina se tornavam instrumentos de luta política durante os períodos eleitorais.

Cabe, portanto, questionar os interesses daqueles agentes da imprensa que realizavam e difundiam representações dos países vizinhos, sobretudo do Império do Brasil em Buenos Aires. Se, conforme Roger Chartier, as representações de mundo social são “sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam” (CHARTIER, 1988, p. 17), torna-se relevante desvendar os objetivos de determinadas facções políticas em representar o Império do Brasil de determinada maneira bem como em noticiar certos eventos ocorridos no Paraguai ocupado. Afinal, conforme já alertara Tulio Halperín Donghi (1992, p. 79), as facções políticas argentinas buscaram utilizar o “hecho brutal que es la guerra en una disputa entre facciones internas, y no vacilan en estilizar fuertemente la imagen que proponen del conflicto para mejor emplearla en esa disputa”. Embora a frase se refira ao contexto de duração da guerra, ela também serve para abordar o pós-guerra, uma vez que as questões referentes ao conflito e ao Paraguai ocupado contaminaram a corrida eleitoral de 1873-1874.

### **O Paraguai como arma eleitoral na campanha presidencial argentina de 1873-1874**

Em 1872, o ex-presidente Bartolomé Mitre foi enviado pelo presidente Domingo Sarmiento ao Rio de Janeiro para negociar um acordo entre Brasil e Argentina. Ambos os países procuravam um consenso para encaminhar as negociações de um tratado de paz definitivo com o Paraguai. As relações entre os dois estavam bastante deterioradas, uma vez que naquele ano o Brasil havia assinado um tratado de paz em separado com o Paraguai. Esta ação contrariava o estabelecido no Tratado da Tríplice Aliança e foi recebido com duras críticas na imprensa de Buenos Aires. Mitre conseguiu um compromisso do governo brasileiro em respaldar as demandas territoriais argentinas frente ao Paraguai, embora ainda precisasse cumprir uma segunda etapa da missão em Assunção, no início do ano seguinte. O suposto êxito na missão ao Brasil fez de Mitre o candidato à Presidência pelo Nacionalismo, cujo órgão difusor era *La Nación* (SEGATTO, 2017).

O Autonomismo, por sua vez, cerrou fileiras em torno à candidatura de Adolfo Alsina. Porém, um terceiro candidato conseguiu articular os interesses de elites provinciais e lançar-se com força na disputa eleitoral: o tucumano Nicolás Avellaneda. Uma vez que Alsina desistiu de concorrer e aderiu à campanha do tucumano, os jornais anti-nacionalistas apoiaram a sua candidatura, como *La Tribuna* e *El Nacional*.

SEGATTO, Bruno Felix. O Paraguai como arma eleitoral: representações e identidade nacional nos jornais de Buenos Aires durante a campanha presidencial argentina de 1873-1874

Em que pese as diferenças, Nacionalistas e Autonomistas não possuíam profundos aspectos de divergência doutrinária: os dois grupos não tinham grandes divergências a respeito da inserção econômica da Argentina no mundo, de como deveriam encaminhar a questão indígena ou da representatividade do sistema político vigente. O que separava estes grupos eram questões de ordem local ou pessoal, características típicas do faccionalismo político. O próprio jornal *La Tribuna*, em meio à campanha eleitoral, pontuou que “no hay, pues, en ellos una idea fundamental que los divide. Hacia un punto marchan todos y es únicamente la cuestión de personas que produce esta lucha” (*La Tribuna*, Buenos Aires, 11.11.1873). Nesse sentido, as questões referentes à guerra recentemente concluída e à situação do Paraguai se tornaram instrumentos de luta política e de desqualificação do adversário.

Em março de 1873, quando iniciava a corrida eleitoral, Mitre partiu para Assunção para dar continuidade às negociações diplomáticas com o Paraguai. Para os jornais contrários a Mitre, aquela missão seria um “trampolim” para a Presidência caso o General obtivesse êxito. O periódico satírico-ilustrado *El Mosquito* representou Mitre indo em missão ao Paraguai tendo em vista chegar novamente à Presidência do país:

Imagem 1



*El Mosquito*, Buenos Aires, 30.03.1873.

*Otra vez caminando! cuanto trabajo yo por mi patria... y mi candidatura*

O representante argentino chegou ao Paraguai em um momento em que o governo local enfrentava uma revolta armada. Alguns jornais portenhos, como *El Nacional*, diziam que aquele movimento rebelde teria simpatia pela Argentina e desejaria pôr fim à influência brasileira sobre o país derrotado. Junto de representantes brasileiros, Mitre atuou como intermediador entre governo paraguaio e forças rebeldes. As negociações diplomáticas se estenderiam até novembro e não tiveram um desfecho favorável ao representante argentino, que voltou a Buenos Aires.

Apesar de sua promessa, o Brasil não alterou sua posição e manteve o respaldo ao Paraguai no sentido de não ceder todo o Chaco para a Argentina. Durante a estadia em Assunção Mitre entraria em desacordos com as autoridades do governo argentino. Andrés Cisneros e Carlos Escudé (1998, p. 141) pontuam que a missão de Mitre foi dificultada, uma vez que o então chanceler de Sarmiento, Carlos Tejedor, “comprendió que la firma de un acuerdo implicaría una victoria personal del ex vencedor de Pavón, y esto constituiría un trampolín para su vuelta a la presidencia argentina”.

Os detratores do candidato do Nacionalismo à Presidência o condenaram por sua atuação no Paraguai, uma vez que as negociações estabelecidas durante a revolta contra o governo teriam dado tempo de reação ao último. *La Tribuna*, por exemplo, acusou o governo paraguaio de estar alinhado ao Brasil e que, desta forma, Mitre teria atuado para garantir que a ingerência brasileira sobre Assunção continuasse (*La Tribuna*, Buenos Aires, 7-8.07.1873). Com sua tradicional linguagem contundente, *El Nacional* condenou duramente a atuação de Mitre em Assunção e, a partir de então, passou a definir o candidato nacionalista de “Candidato del Brasil”:

Es necesario que nuestros lectores conozcan ligeramente la situación porque atraviesa el Paraguay. De un lado, el gobierno, cuyo frente está el presidente Jovellanos, hechura escinsiva del Brasil, hostil a la Republica Argentina, [ilegível] el pueblo entero, porque [ilegível] una amenaza a la nacionalidad, [ilegível] el General Caballero, representante genuino del pueblo paraguayo, amigo de la Republica Argentina, porque comprende que [ilegível] política no tiene por base la [ilegível] con que amenaza el Brasil a su patria. [...] La conducta del General Mitre ha sido desatinada, anti-patriótica y audaz. [...] Si, el Brasil es y será nuestro enemigo natural, y en ese apoyo mesquino y ruin que el General Mitre ha buscado en el Imperio, sacrificando indignamente a un gefe que representa en el Paraguay el elemento favorable a la Republica Argentina, hay un motivo mas para que el pueblo rechaze con indignación la candidatura de un hombre que no se detiene ni ante la deslealtad por propiciarse la voluntad del enemigo eterno de la patria. De hoy mas, el General D. Bartolomé Mitre será el candidato del Brasil, para Presidente de la Republica Argentina. Y en ese calificativo que su conducta merece, esta la seguridad de su derrota infalible. (*El Nacional*, Buenos Aires, 7.07.1873).

Além de acusar Mitre de “estar do lado do Brasil”, os Autonomistas fizeram uso de representações da identidade nacional argentina para ressaltar todos os aspectos que os diferenciava dos brasileiros. O século XIX esteve marcado pela discussão a respeito da nacionalidade, ou daquilo

que Benedict Anderson (2008) definiu “comunidade imaginada”. A Argentina não esteve imune a esta temática e ela se fez presente durante a corrida eleitoral. Língua diferente, forma monárquica de governo, origens lusitanas, histórico de intervenções no Rio da Prata e escravidão faziam do Brasil um vizinho mais perigoso do que o próprio Paraguai de Solano Lopez. Enquanto a nação argentina é representada em torno de valores como civilização e liberdade, o Brasil é representado como uma monarquia escravista e imperialista na qual não se pode confiar. Desta forma, quem está a favor do Brasil estaria contra a nação argentina:

Nada debemos sino guerras, miserias y zozobras al Imperio del Brasil. Raza, sentimientos, ideas, hasta la decencia nos separa de él; mientras hemos combatido juntos en los campos de batalla, había en el corazón de nuestros soldados mas aversión hacia el aliado que contra el enemigo en cuya cabeza se hería. Todo nos separa del Brasil, pése al General Mitre y a los hombres de su círculo que piensen como él: nuestra política respecto del Imperio debe ser la desconfianza y la previsión, porque en la primera convulsion interna que agite la República, caerá como el chacal sobre el águila estenuada de cansancio. [...] (*El Nacional*, Buenos Aires, 10.07.1873).

Além de representar o Brasil de forma negativa, os Autonomistas apresentavam o Paraguai como uma nação enfraquecida, destruída, ocupada e controlada pelo Império. Recentemente libertado de um governo autoritário, o Paraguai agora lutava para se livrar das garras do Império expansionista e escravista do Brasil. Estas críticas à atuação do Brasil no Paraguai já ocorriam antes de 1873. Em 1872, *El Nacional* publicou que “De hoy mas, nadie podrá ver en la República del Paraguay, una nación independiente. Su gobierno lo ha entregado [ilegível] al Imperio y, si Dios no lo remedia, dentro de pocos años quedará convertida en Provincia Brasileira” (*El Nacional*, Buenos Aires, 10.04.1872).

Os nacionalistas procuraram rebater estas críticas por meio de *La Nación*. No número do dia 9 de julho de 1873, o periódico mitrista pontuou que os ataques a Mitre e à sua missão no Paraguai tinham o mero propósito de “herir al candidato, no consultar los intereses del país en los asuntos del Paraguay”. O mesmo artigo finalizava com a reafirmação de que os adversários de Mitre estariam buscando complicações com fins meramente eleitorais (*La Nación*, Buenos Aires, 9.07.1873).

Os nacionalistas pontuavam que enquanto Mitre buscava solucionar uma problemática de relevância nacional, os autonomistas auguravam o fracasso de sua missão para desprestigiar-lo, mesmo que isso pudesse colocar em risco os interesses da nação. Assim, *La Nación* reagiu declarando que era compreensível que alguém sustentasse que a Argentina não poderia declarar-se dona dos territórios que reivindicou pelo Tratado de Aliança de 1865, “pero no es comprensible que las cuestiones del Paraguay se quieran convertir en armas electorales” (*La Nación*, Buenos Aires,

18.07.1873). Alguns dias antes, *La Nación* condenou o uso político que os adversários estariam fazendo da guerra e das questões relacionadas ao Paraguai com os seguintes termos:

Comprendemos el afán con que los enemigos de la candidatura del general Mitre, no encontrando un flanco vulnerable a donde dirigir sus ataques y sintiéndose vencidos en la opinión pública, se han apoderado de los asuntos del Paraguay como una arma formidable para combatirlo, contando con explotar el sentimiento nacional al favor de viejos errores y rancias preocupaciones. Presentar al general Mitre como candidato del Brasil, traicionando a los intereses de su patria y sirviendo a los intereses del Imperio he ahí el bello ideal de los enemigos de su candidatura, que después de ver quebradas en sus propias manos las armas con que antes la combatieron creen haber encontrado ya la juntura de la coraza y el medio de herir a tan formidable adversario. [...] Por lo demás, sean cuales fueren sus esfuerzos no conseguirán ya extraviar la opinión pública, que ha comprendido desde luego el interés político y electoral que ha inspirado su censura; que es buscar un desacuerdo con el Brasil y tener un pretexto para desprestigiar su candidatura. (*La Nación*, Buenos Aires, 12.07.1873).

Como contrapartida, a candidatura mitrista procurou exaltar os esforços do General em consolidar a República unida, em defender a honra nacional contra o “tirano” Solano Lopez, em comandar as tropas aliadas contra o Paraguai e em representar o país na recente missão ao Rio de Janeiro. Sendo Mitre o candidato responsável pela unificação nacional, *La Nación* condenava o Autonomismo de ser contrário à união nacional e de buscar manter vivos os ódios partidários que haviam dividido o país por décadas (*La Nación*, Buenos Aires, 9.04.1873).

Em julho de 1873, *La Nación* comentou o programa de governo de Adolfo Alsina, que ainda figurava como candidato à Presidência pelo Autonomismo. Ao comentá-lo, *La Nación* condenava as representações do Império do Brasil elaboradas e difundidas pelos periódicos ligados ao Autonomismo com o propósito de atacar a candidatura de Mitre. *La Nación* apelava aos conceitos de civilização e cristandade e procurava ressaltar o esforço conjunto dos dois países na luta contra Solano Lopez. No mesmo texto, *La Nación* voltava a enfatizar que Mitre seria o candidato da união nacional, enquanto os adversários seriam representantes de uma política de ódio e divisão:

En efecto un programa que significa guerra al Brasil hasta [ilegível] Imperio, por esclavoclasta, negrero, macaco, enemigo natural, heredero de la política de Portugal, de distinta raza, usurpador, peligroso, es en verdad un programa muy extraño, cuando aparecen levantándolo, los que le entregaron los territorios, el decoro y los mas grandes intereses de la República, por una miserable limosna de unos pocos cobres, y por su intervencion en los negocios internos de la Republica. Los autores y sostenedores de ese programa, no se atreverían a firmarlo, porque sus firmas serian un sarcasmo, delante de sus actos públicos con el Brasil. De ahí la idea de inventar que los sostenedores de la candidatura del general Mitre están vendidos al Brasil y que son unos traidores. Pero la razón publica está ya muy avanzada, y no se deja impresionar por vulgaridades que solo sirven para engañar a los tontos. Los sostenedores de la candidatura del Dr. Alsina hacen alarde de representar el odio y la guerra de exterminio al Imperio del Brasil, y llaman traidores y vendidos al Brasil, a los que representan la política de la concordia con un país vecino y cristiano a quien desean estar unidos como hermanos, encarnada en la candidatura del general Mitre. La traición, la venta al Brasil, no es otra cosa que una arma electoral con que se hiere de muerte la candidatura del Dr. Alsina, a quien se levanta como representante

SEGATTO, Bruno Felix. O Paraguai como arma eleitoral: representações e identidade nacional nos jornais de Buenos Aires durante a campanha presidencial argentina de 1873-1874

de una política de odios y guerras eternas, pues la República Argentina no puede consumir la obra poco cristiana de suprimir al Brasil, como lo pretenden los que habiendo sido sus amigos y comensales, los declaran hoy enemigos naturales que es necesario destruir y acabar con sus hijos. (La Nación, Buenos Aires, 25.07.1873).

Percebe-se, portanto, que associar Bartolomé Mitre à impopular guerra contra o Paraguai, à ocupação aliada daquele país e à aliança com uma monarquia escravista que havia traído o país constituía o principal instrumento de luta político-eleitoral entre os periódicos anti-mitristas. Dentre eles, *El Mosquito* condensava a opinião anti-Nacionalismo em imagens. Enquanto o Nacionalismo exaltava Mitre por sua atuação no Paraguai, *El Mosquito* condenava o beneficiamento de famílias ligadas a Mitre por meio de contratos de fornecimento de alimentos. Assim, enquanto a nação padecia com a destruição da guerra, os aliados de Mitre estariam acumulando ganhos financeiros.

Imagem 2



*El Mosquito*, Buenos Aires, 29.06.1873.

- Triunfo nuestra combinación, Apolinario, y quedamos siempre en el candelero.
- Ciertamente es, General, con la diferencia que yo empiezo recién y Vd. está hace diez años.
- He ahí la verdad, practica de mi programa. Un paso mas y la nación habra llegado al apojee de la gloria y de la prosperidad.

Destruição, morte, a Argentina traída e um Paraguai controlado pelo Brasil, eis o legado da política mitrista para os argentinos, conforme os jornais autonomistas. Mitre havia sido quem assinou o Tratado da Tríplice Aliança com um país que agora se mostrava o verdadeiro inimigo e que ameaçava a independência do Paraguai.

Em fins de 1873 Mitre retornou a Buenos Aires após não ter tido êxito em sua missão ao Paraguai. A corrida eleitoral estava em seu auge e as questões fronteiriças com o Paraguai continuavam pendentes. A incerteza deu lugar à apreensão no início de 1874, quando uma nova revolta contra o governo se iniciava no Paraguai. Por ter sido planejada desde Corrientes, as autoridades brasileiras em Assunção deram respaldo ao governo paraguaio (DORATIOTO, 2004, p. 223). Os jornais brasileiros que chegavam a Buenos Aires traziam artigos incisivos contra a Argentina e alguns chegavam a falar de guerra (*El Nacional*, Buenos Aires, 23.01.1874). Em meio a esse cenário de disputas políticas e incertezas no país vizinho, se iniciaram os preparativos para as eleições para a Câmara dos Deputados na Argentina.

Em fevereiro de 1874, ocorreram as eleições. A lista de candidatos de Nicolás Avellaneda teve a maior parte dos votos e obteve uma expressiva vitória sobre os candidatos de Mitre e Alsina. O resultado eleitoral em Buenos Aires se tornou alvo de polêmica: primeiramente, a Junta Eleitoral declarou Mitre como ganhador, mas, posteriormente, reconheceu Alsina como vencedor. Alsina, neste momento, desistiu de sua candidatura e passou a respaldar a de Avellaneda.

As eleições presidenciais ocorreram em abril, quando Nicolás Avellaneda derrotou Mitre. Diante daquele resultado e acusando fraudes eleitorais, os mitristas iniciaram um movimento armado em setembro. As forças reunidas por Mitre eram heterogêneas, pois reuniam guardas nacionais, voluntários, corpos de linha e indígenas aliados (MÍGUEZ, 2011). O movimento foi fustigado pelos periódicos anti-mitristas de Buenos Aires, os quais não perderam a oportunidade de elaborar as suas representações. Mitre dividia a República Argentina e reunia a barbárie em seu entorno: os indígenas e o Império escravista do Brasil. Novamente, *El Mosquito* sintetizou em uma imagem o que os jornais anti-Nacionalistas difundiam em palavras. Embora não se envolva diretamente na disputa, Dom Pedro II é representando em corpo de macaco e possui um sorriso expectante, ou seja, o imperador estaria se comprazendo ao ver a obra de seu aliado Mitre na Argentina.

Imagem 3



*El Mosquito*, Buenos Aires, 01.11.1874.  
*La feliz siuacion porque atravesamos.*

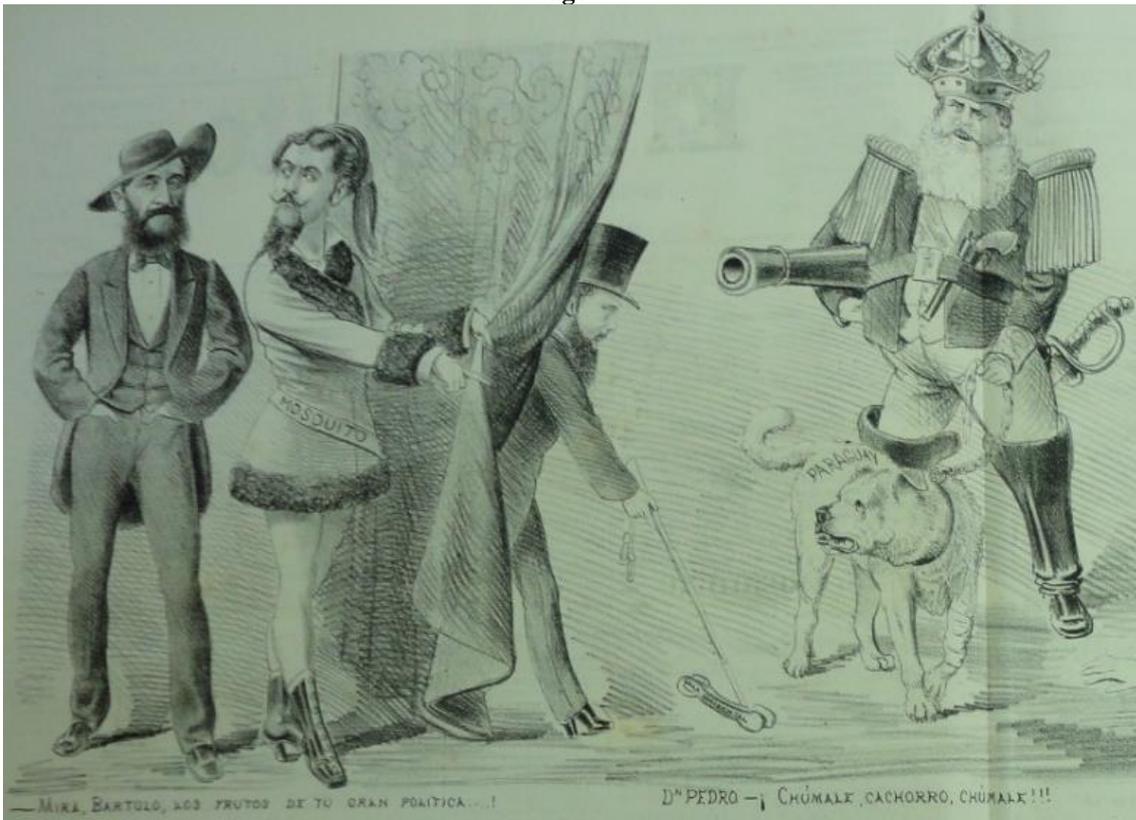
A Revolução Mitrista de 1874 não teve condições de fazer frente ao Exército Nacional. Mitre se rendeu, foi preso e o jornal *La Nación* fechado. Mesmo que libertado posteriormente, Mitre havia perdido o seu capital político e se afastou da vida pública nos anos seguintes. O Nacionalismo mitrista foi consumido pela impopularidade da guerra contra o Paraguai e a sua derrota nas eleições de 1874 se deveu, em parte, aos usos políticos da guerra e da ocupação do Paraguai bem como das representações do Brasil feitas pelos periódicos ligados ao Autonomismo.

No entanto, as críticas ao mitrismo, ao Brasil e à situação do Paraguai continuaram aparecendo nos jornais autonomistas mesmo após 1874, uma vez que as questões fronteiriças argentino-paraguaias só foram parcialmente solucionadas em 1876, quando os dois governos assinaram um tratado de paz.

Novamente, *El Mosquito* sintetizou em uma imagem o que os jornais contrários a Mitre, como *La Tribuna* e *El Nacional*, consideravam a respeito do legado mitrista: uma aliança com um Império escravista, expansionista e intervencionista que havia traído a Argentina e agora buscava exercer a sua influência sobre o Paraguai em detrimento dos interesses argentinos. Ao representar o Brasil, o ilustrador apresentou um Dom Pedro II engrandecido, que segura com um braço um canhão e em outro um cachorro, no qual está escrito “Paraguay”. O cão enfurecido olha atentamente o presidente Nicolás Avellaneda afastar do seu alcance um osso no qual está escrito “Villa Occidental”.

SEGATTO, Bruno Felix. O Paraguai como arma eleitoral: representações e identidade nacional nos jornais de Buenos Aires durante a campanha presidencial argentina de 1873-1874

Imagem 4



*El Mosquito*, Buenos Aires, 4.07.1875  
 - *Mira, Bartolo, los frutos de tu Gran Política...!*  
 Dn Pedro – *Chúmale, cachorro, chúmale!!!*

Os limites definitivos entre Argentina e Paraguai foram estabelecidos em 1878, quando o presidente dos Estados Unidos, Rutherford Hayes, reconheceu ao Paraguai a posse do Chaco, incluindo a Villa Occidental. A definição lindeira pôs fim aos atritos diplomáticos e aos debates que ocorriam entre os jornais da capital. A partir de então, as relações entre Buenos Aires e Rio de Janeiro se estabilizaram e os dois países se mantiveram afastados nos anos seguintes.

### Considerações finais

Entre 1852 e 1862, Estado de Buenos Aires e Confederação Argentina coexistiram na região do Rio da Prata. As disputas entre liberais de Buenos Aires e os federalistas do interior terminariam com a batalha de Pavón e a Presidência de Mitre, articulador do processo de formação de uma Argentina unida. A partir de então, a elite liberal de Buenos Aires se dividiria entre Nacionalistas e Autonomistas.

Ambas as facções possuíam os seus órgãos difusores ou que se identificavam com as suas respectivas pautas. Estes jornais tinham uma importante atuação, uma vez que catalisavam os

SEGATTO, Bruno Felix. O Paraguai como arma eleitoral: representações e identidade nacional nos jornais de Buenos Aires durante a campanha presidencial argentina de 1873-1874

debates públicos, difundiam ideias e representações e, graças a um circuito que conectava as cidades da região, circulavam pelos países da Bacia do Prata.

Entre 1865 e 1870, Argentina, Brasil e Uruguai se aliaram para combater o Paraguai de Solano Lopez. O término do conflito, no entanto, não significou uma estabilidade nas relações entre os países envolvidos. Brasileiros e argentinos passaram a divergir a respeito dos tratados de paz a serem assinados com o novo governo paraguaio. O Brasil assinou um tratado de paz em separado e respaldou o governo paraguaio em sua resistência a ceder todo o território do Chaco para a Argentina.

As divergências entre Buenos Aires e Rio de Janeiro refletiram na política interna argentina. Por seu vínculo político-partidário, os jornais portenhos, sobretudo os autonomistas, fizeram constantes usos políticos da guerra e da ocupação do Paraguai, da Tríplice Aliança e das consequências advindas daquele conflito como forma de atacar, criticar e desprestigiar o candidato do Nacionalismo. Nesta campanha anti-mitrista, o Brasil representava tudo aquilo que a Argentina não deveria ser: uma monarquia escravista, intervencionista e traidora, uma vez que não cumpria com os seus compromissos internacionais.

O Nacionalismo, por sua vez, procurou ressaltar a atuação do General Mitre na unificação da Argentina, na liderança das tropas aliadas e na condução das negociações diplomáticas no Rio de Janeiro e em Assunção. Enquanto Mitre seria o candidato da união nacional, os candidatos opositores seriam os responsáveis pela divisão do país e colocariam os interesses da nação abaixo dos seus objetivos partidários. No entanto, o êxito desta campanha mitrista foi limitado, uma vez que a guerra contra o Paraguai se tornara extremamente impopular e o seu capital político foi consideravelmente solapado. As derrotas do Nacionalismo nas eleições de 1868 e 1874 evidenciaram esta perda de prestígio em função dos impactos negativos da guerra e da aliança com o Brasil. Nesse sentido, as representações do Brasil e os usos políticos da guerra e das questões pertinentes ao Paraguai, sobretudo as fronteiras, tornaram-se instrumentos consideravelmente eficientes de combate eleitoral por parte dos jornais autonomistas e contribuíram para a eleição de Nicolás Avellaneda em 1874.

## Referências

ACREE, William. *La lectura cotidiana: cultura impresa e identidad colectiva en el Rio de la Plata, 1780-1910*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2013.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SEGATTO, Bruno Felix. O Paraguai como arma eleitoral: representações e identidade nacional nos jornais de Buenos Aires durante a campanha presidencial argentina de 1873-1874

BARATTA, María Victoria. La Guerra del Paraguay y la República Argentina (1864-1870). In: LORENZ, Federico. *Guerras de la historia argentina*. Buenos Aires: Ariel, 2015.

\_\_\_\_\_. La oposición a la Guerra del Paraguay en Buenos Aires. Un análisis de las representaciones de la nación argentina en el periódico La América (1866). *Revista ANPHLAC*, São Paulo, n. 13, p. 83-108, jul./dez. 2012.

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1800-1900*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BONAUDO, Marta. A modo de prólogo. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Liberalismo, estado y orden burguês*. Nueva Historia Argentina, T. 4. Buenos Aires: Sudamericana, 2007, p. 11-25.

\_\_\_\_\_. SONZOGNI, Élide. Los grupos dominantes entre la legitimidad y el control. In: BONAUDO, Marta (Org.). *Liberalismo, estado y orden burguês*. Nueva Historia Argentina, T. 4. Buenos Aires: Sudamericana, 2007, p. 27-96.

BRAGONI, Beatriz; MÍGUEZ, Eduardo. De la periferia al centro: la formación de un sistema político nacional, 1852-1880. In: \_\_\_\_\_. (Coords.). *Un nuevo orden político*. Provincias y Estado Nacional, 1852-1880. Buenos Aires: Biblos, 2010. p. 9-28.

CHARTIER, Roger. *História Cultural*. Entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1988.

CISNEROS, Andrés. ESCUDÉ, Carlos. *Historia General de las Relaciones Exteriores de la República Argentina*. Buenos Aires: Grupo Editor Latinoamericano, 1998.

DE MARCO, Miguel Angel. *Historia del Periodismo Argentino: desde los orígenes hasta el Centenario de Mayo*. Buenos Aires: Educa, 2006.

DEVOTO, Fernando; FAUSTO, Boris. *Brasil e Argentina: um ensaio de história comparada (1850-2002)*. São Paulo: Ed. 34, 2004.

DONGHI, Tulio Halperin. *Una nación para el desierto argentino*. Buenos Aires: Centro Editor de América, 1992.

DORATIOTO, Francisco. A ocupação político-militar brasileira do Paraguai (1869-76). In: CASTRO, Celso; IZECKSOHN, Vitor; KRAAY, Hendrik (Orgs.). *Nova História Militar Brasileira*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 209-235.

\_\_\_\_\_. *Maldita Guerra: Nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

HAVELOCK, Eric. A equação oralidade-cultura escrita: uma fórmula para a mente moderna. In: OLSON, David; TORRANCE, Nancy (Org.). *Cultura escrita e oralidade*. São Paulo: Ática, 1995.

LETTIERI, Alberto. *La República de las Instituciones: Proyecto, desarrollo y crisis del régimen político liberal en la Argentina en tiempos de la organización nacional (1852-1880)*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2008.

MÍGUEZ, Eduardo. *Mitre Montonero*. La Revolución de 1874 y las formas de la política en la

SEGATTO, Bruno Felix. O Paraguai como arma eleitoral: representações e identidade nacional nos jornais de Buenos Aires durante a campanha presidencial argentina de 1873-1874

organización nacional. Buenos Aires: Sudamericana, 2011.

OSZLAK, Oscar. *La formación del Estado argentino: Orden, progreso y organización nacional*. Buenos Aires: Ariel, 2012.

ROCK, David. *La construcción del Estado y los movimientos políticos en la Argentina, 1860-1916*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2006.

ROLDÁN, Darío. La cuestión liberal en la Argentina en el siglo XIX. Política, sociedad, representación. In: BRAGONI, Beatriz; MIGUEZ, Eduardo. *Un nuevo orden político: provincias y Estado nacional, 1852-1880*. Buenos Aires: Biblos, 2010, p. 275-291.

SABATO, Hilda. *Historia de la Argentina, 1852-1890*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2012.

\_\_\_\_\_. *La política en las calles: Entre el voto y la movilización, Buenos Aires, 1862-1880*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2004.

\_\_\_\_\_. La vida pública en Buenos Aires. In: BONAUDO, Marta (Org.). *Liberalismo, estado y orden burgués*. Nueva Historia Argentina, T. 4. Buenos Aires: Sudamericana, 2007. p. 161-216.

SEGATTO, Bruno Félix. *Ahí está el Brasil sin careta: representações e usos políticos da guerra e da ocupação do Paraguai na imprensa de Buenos Aires, 1870-1876*. 2017. Dissertação (Mestrado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

WASSERMAN, Fabio. La libertad de imprenta y sus límites: prensa y poder político en el Estado de Buenos Aires durante la década de 1850. *Revista Almanack Braziliense*, São Paulo, n. 10, p. 130-146, 2009.

\_\_\_\_\_. Liberal/Liberalismo. In: GOLDMAN, Noemí (Org.). *Lenguaje y revolución: conceptos políticos clave en el Río de la Plata, 1780-1850*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2008, p. 67-82.

\_\_\_\_\_. Prensa, debates y vida pública en Buenos Aires durante la década de 1850. *XIV Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia*. Universidad Nacional del Cuyo, Mendoza, 2013, p. 1-17.